

Amor: geopolítica dos extremos

Gilles Dauvé

Link: https://ddt21.noblogs.org/?page_id=3529

"O amor divide." (Colin Thubron)

"No futuro, o Oceano Pacífico desempenhará o mesmo papel que o Atlântico hoje e o Mediterrâneo nos tempos antigos: o de grande via fluvial do comércio mundial"
(Karl Marx).

Originário da Mongólia, o Amur [Amor] tem 4.300 km de extensão e flui pelo leste da Rússia, ao longo da fronteira com a China por mais de 1.500 km, em direção ao Pacífico, onde deságua no Mar de Okhotsk, na Ilha Sakhalin. A origem do nome Amour é obscura: talvez venha de um termo indígena que significa "Grande Rio" ou "Paz Suave". Outros dizem "lamacento". Em manchu, significa "rio negro".

Um destino turístico popular para casais em lua de mel na Rússia, o rio Amur é considerado um dos lugares mais românticos do mundo, não apenas por causa de seu cenário, mas também por causa de seu nome. Mas não todos os dias, se acreditarmos no inglês Colin Thubron, que, do verão de 2018 à primavera de 2019, com quase 80 anos de idade, percorreu o rio desde a nascente até a foz, a cavalo, a pé, de trem transiberiano (que tem pouco em comum com um trem de luxo) e em uma variedade de veículos, incluindo um UAZ 4×4 ucraniano e um carro russo antigo com motor Renault. Das pradarias da Eurásia até as margens do Pacífico, passando pela taiga siberiana, na fronteira entre os mundos cossaco e mongol, e depois russo e chinês, a viagem tem seus perigos: devido a animais (javalis, lobos, ursos), acidentes (uma queda de cavalo resulta em tornozelo e costelas quebrados) e humanos (embora Thubron tenha as permissões necessárias para visitar certas áreas, elas nem sempre são reconhecidas pelas autoridades locais, e ele será detido duas vezes, na Rússia e depois na China, por policiais que não gostam muito de estrangeiros).

Normalmente, não comentamos histórias de viagens. No entanto, o assunto não é alheio àqueles abordados no [DDT 21](#) e no [Troploin](#), especialmente desde a guerra na Ucrânia.

É verdade que nas margens do Amur, pelo menos tanto quanto em qualquer outro lugar, na companhia dos vivos e dos mortos, a geografia se funde com a história.

Em primeiro lugar, um passado distante. Diz-se que Genghis Khan, que nasceu na região por volta de 1162, também está enterrado aqui, mas várias aldeias disputam a localização exata de seu túmulo, que agora é objeto de um culto.

Em 1689, em Nertchinsk, uma China ainda em ascensão impôs uma demarcação de fronteira à Rússia (como os delegados não sabiam falar os dois idiomas, eles usaram intérpretes que falavam latim). Em 1858, o equilíbrio de poder foi revertido: em Aigun, uma China enfraquecida reconheceu a soberania russa sobre o Amur, um dos vários "tratados desiguais" a serem aceitos por um império em declínio.

Nessa época, Bakunin havia sido deportado para a Sibéria por um ano e planejava criar os "Estados Unidos da Sibéria". Em 1861, ele conseguiu escapar, atravessando a região e embarcando em Nikolaïevsk-on-the-Amur, de onde viajou para o Japão.

"Sua fuga foi, em última análise, possibilitada pela convergência única de vários fatores históricos inter-relacionados [...]: (1) o declínio da China como potência na Ásia; (2) a expansão concomitante da Rússia para o leste, em direção ao Pacífico; (3) o surgimento do Japão após cerca de 250 anos de isolamento; (4) a ascensão dos Estados Unidos como potência no Pacífico; e (5) a rivalidade entre os Estados Unidos e a Rússia pela influência no novo mercado japonês." (Philip Billingsley) [todas as referências no final do texto]

Talvez Bakunin acreditasse seriamente que uma futura Sibéria independente fosse possível dentro da estrutura da *"Federação Eslava livre, que para a Rússia, Ucrânia, Polônia e para todos os países eslavos [...] apresenta a única saída"*. (carta a Herzen e Ogarev, escrita em outubro de 1861, após sua chegada a São Francisco).

Em 1883, a descoberta de ouro em território chinês em um afluente do rio Amur, o Zheltuga, desencadeou uma "corrida" comparável à experimentada pela Califórnia em meados do século, embora em escala muito pequena, e o influxo de milhares de garimpeiros, principalmente russos, mas também de outros países, inclusive da França. As autoridades da dinastia Qing estavam distantes e o território não tinha autoridade legal. O resultado foi a "República de Zheltuga", que mantinha a ordem por todos os meios necessários, até mesmo os legais (havia eleições e um parlamento), com sua própria moeda, correios, bandeira, hospital (diziam que as refeições eram muito boas), cassinos, bordéis, circo, código penal (sem penas de prisão, substituída por castigos corporais, incluindo 500 chibatadas por homossexualidade, uma severidade mais tarde

suavizada, ao que parece, quando mulheres, muitas delas prostitutas, foram admitidas nessa república), mas também uma distribuição relativamente igualitária de terras entre os garimpeiros e trabalho cooperativo no modelo do *artel* russo. Os pioneiros dessa "Califórnia do Amor" alegaram ter se inspirado não apenas no Antigo Testamento, mas também na democracia americana. Depois de quatro anos, a China e a Rússia finalmente puseram fim a esse experimento de auto-organização democrática e autoritária.

Também existiam minas de ouro no território russo, com uma força de trabalho composta por condenados: elas fecharam no final do século XIX.

Uma zona de contato e fratura, a Extrema Sibéria é um local de deportação, colonização e assassinato em massa: massacres das populações locais mongóis e buriates (agora reduzidas a 2% dos habitantes da Mongólia), milhares de chineses em 1902, milhares de civis (incluindo mulheres e crianças) durante a guerra civil russa, vítimas tanto dos vermelhos quanto dos brancos.

A Mongólia não está muito longe. Um antigo protetorado czarista, então teoricamente independente, mas sob o controle total da URSS por décadas (e membro fundador da ONU em 1945, juntamente com Belarus e Ucrânia), não foi poupado pelo regime stalinista e pelo Grande Terror da década de 1930, exacerbado pelo desejo do governo de assentar os nômades à força.

Em um afluente do rio Amur, o território de Birobidjan abrigava a Região Autônoma Judaica, criada em 1934, uma espécie de Palestina siberiana concorrente do Israel sionista do Oriente Médio, e que ainda existe administrativamente na Federação Russa contemporânea. Como a URSS considerava "os judeus" como uma "nacionalidade", eles tinham direito, como os outros, ao "seu" espaço geográfico, com seu próprio idioma (iídiche). Afinal de contas, na ausência da Palestina, os sionistas chegaram a pensar em fazer de Uganda sua terra de asilo. Na verdade, como vítima de sua natureza artificial, de um clima pouco acolhedor e dos expurgos da década de 1930, a população judaica de Birobidjan, apesar de um breve influxo após 1945, nunca ultrapassou algumas dezenas de milhares, muitos dos quais emigraram para Israel assim que puderam, e hoje o *oblast* tem uma população judaica de apenas 1%.

A certa distância de Khabarovsk (500.000 habitantes, a maior cidade da Rússia no rio Amur), Colin Thubron visita o local onde os russos mantiveram Pu Yi prisioneiro entre 1945 e 1950. Último imperador da China em 1908, ele abdicou em 1911 e, em 1931, foi nomeado imperador de Manchukuo, um estado fantoche criado pelos japoneses a partir

do território chinês que haviam conquistado. Após ser entregue à China maoista e passar por um longo período de reeducação, Pu Yi tornou-se jardineiro, depois bibliotecário e, finalmente, membro do parlamento, terminando sua vida em 1967.

Não muito longe dali, em 1942 (ou 1941, a data é controversa) nasceu Kim Jong-il, filho do líder da resistência coreana contra o Japão, Kim Il-sung, que foi promovido à liderança da Coreia do Norte em 1945. Supõe-se que o jovem prodígio tenha andado com 3 semanas, falado fluentemente 15 dias depois e escrito 150 livros (é de se perguntar o quanto os habitantes do país acreditam em tal lenda). Kim Jong-il é o pai do atual presidente. O gigante chinês perdeu suas dinastias, mas a pequena Coreia inaugurou a sua própria.

Em Troitskoye, uma cidade com 15.000 habitantes, Thubron visita o museu local dedicado aos Nanaïs, um dos "pequenos povos" da Sibéria, sobrevivendo da melhor forma possível: roupas bordadas, arcos e flechas, cocar de xamã, os resquícios de uma cultura tão aprisionada quanto preservada. Restam apenas 12.000 Nanaïs, e seu idioma está desaparecendo.

Em seguida, o Amur corre ao longo da fronteira chinesa, separando as cidades gêmeas de Blagoveshchensk e Heihe. Os caçadores ilegais russos vendem animais ilegalmente na outra margem. Outros russos, apelidados de "os camelos", compram produtos chineses para revender em seu próprio país. A Rússia é impotente para impedir o desenvolvimento de *"um mercado de mão única em que os consumidores russos, auxiliados por Moscou, compram produtos manufaturados processados na China a partir de matérias-primas russas"* (Hérodote, 2010). Com suas alfândegas corruptas e o crime organizado, esse *Extremo Oriente* parece o *Velho Oeste*. Rio acima, em Nertchinsk, onde o tratado de 1689 foi assinado, uma cidade mineradora no século XIX, mas não muito próspera atualmente, diz-se que em 2001 membros de gangues incendiaram por engano um arsenal.

Os russos denunciam uma presença chinesa excessiva, acusando as empresas chinesas de comprar ou alugar terras (1/4 das terras cultiváveis, repetem) e de explorar excessivamente a floresta com a cumplicidade de autoridades russas. De acordo com as estatísticas e fantasias, a população chinesa na região como um todo (até Vladivostok, fundada em 1860 após a derrota russa na Guerra da Crimeia para impedir que os britânicos se estabelecessem na região) é estimada entre 30.000 e 250.000, um número que se torna ainda mais incerto devido à proporção de migrantes ilegais. David Teurtrie estima que existam 150.000 chineses em todo o Extremo Oriente russo.

Como em um bairro pobre da Europa ou dos Estados Unidos, o shopping center fica ao lado de edifícios em ruínas. Aqui também, pobreza e modernidade se misturam. Quando perguntados sobre o futuro com o qual sonham, os adolescentes de uma escola carente se imaginam fazendo fortuna... em outro lugar. A biblioteca de um vilarejo abriga 2.000 livros (muitos clássicos, incluindo traduções de Dickens), emprestados principalmente pelos idosos e publicados durante a era soviética: "*Era melhor antes*", diz o bibliotecário.

Que "antes"?

Em agosto de 1939, após uma sucessão de incidentes na fronteira, o Japão, que ocupava a maior parte da China, atacou a URSS na fronteira com a Mongólia. Uma contraofensiva russa repeliu firmemente a invasão e, embora tivesse assinado um Pacto Anti-Komintern com a Alemanha e a Itália explicitamente dirigido contra a União Soviética, o Japão se absteve de atacar a URSS: os dois países coexistiram em paz armada até agosto de 1945.

Trinta anos mais tarde, em um afluente do rio Amur, o Ussuri, as disputas de fronteira voltaram a se acirrar, dessa vez entre a China maoista e a URSS. Causa? pretexto?... as enchentes alteraram o leito do rio e, com isso, a demarcação entre as margens russas e chinesas: o resultado foi uma guerra curta e, de acordo com as versões oficiais, várias centenas de mortes, ou - uma estimativa mais confiável - pelo menos 20.000.

Depois de 2000, Putin expressou seu medo de que o Extremo Oriente russo fosse predominantemente de língua chinesa em algumas décadas.

É verdade que a China deixou de reivindicar a região ao norte do rio Amur, que já foi conquistada pela Rússia czarista. Mas o crescimento da China está criando um desequilíbrio: seu dinamismo industrial contrasta com uma economia russa que depende exclusivamente da exportação de matérias-primas e cereais, especialmente porque 2 milhões de russos vivem em províncias chinesas com uma população de 110 milhões de habitantes.

Os guardas de fronteira russos trocaram o medo dos japoneses fascistas pelo medo dos chineses e exigem uma permissão para viajar nessas áreas remotas. Parte da região está há muito tempo fora dos limites. Komsomolsk-on-Amur, fundada em 1932 por equipes da Juventude Comunista (daí o nome da cidade), está no centro de um complexo militar-industrial cuja existência já foi um segredo de Estado. Centenas de milhares de prisioneiros políticos e, depois de 1945, prisioneiros japoneses, trabalharam lá, e muitos perderam suas vidas. Atualmente, abriga uma das maiores fábricas aeronáuticas da

Rússia, que produz o Sukhoi Su-27 e suas variantes, caças vendidos para a China, entre outros países.

Pouco depois do início de sua expedição, Colin Thubron ouviu de sua esposa, por telefone, em Londres, que estava no meio das manobras russo-chinesas da Vostok 2018, envolvendo 300.000 soldados, e ouviu o barulho de transportes de tropas rolando pela rua. Os números não são verificáveis, e apenas 3.200 chineses teriam participado. De qualquer forma, Thubron vê o fato como *"menos um exercício militar do que um aviso político para o Ocidente"*. Esse texto foi escrito *antes* da guerra na Ucrânia.

Seria tentador imaginar os Estados Unidos, a Rússia e a China como três blocos estabelecidos, comparáveis aos impérios totalitários que dividem o mundo em 1984: Oceania, Eurásia e Estesia, com dois deles sempre em guerra com o terceiro até que cada um mude de aliado e inimigo. Mas Orwell estava escrevendo um romance de ficção política em que a geopolítica não era o tema central. No mundo real, as rivalidades colocam grupos estatais uns contra os outros, com a possibilidade de fases ofensivas e "pausas" na neutralidade (armada ou não). Um dos principais beligerantes da guerra de 14-18, a Turquia, ficou de fora da guerra de 39-45. A Suécia, neutra por dois séculos, agora é membro da Aliança Atlântica. Durante a Segunda Guerra Mundial, dois meses antes do ataque alemão em 1941, apesar de o Japão ser membro do Pacto Anti-Komintern, a URSS assinou um pacto de neutralidade com o Japão, e Moscou esperou até Hiroshima para declarar guerra a Tóquio, com o Exército Vermelho entrando em massa na Manchúria e na Coreia.

As áreas centrais são as mais prováveis de serem usadas para desencadear um conflito: Coreia, Vietnã... Ucrânia hoje. No extremo leste da Eurásia, a Mongólia (às vezes chamada de "fora", em oposição a dentro da China), por muito tempo um satélite da URSS, se libertou quando a União Soviética desapareceu, inventando uma constituição democrática, descobrindo o parlamentarismo e entrando no equilíbrio de poder entre as grandes potências. Preso entre a Rússia, que lhe fornece a maior parte de seus recursos energéticos, e a China, com a qual faz a maior parte de seu comércio exterior, o país considerou uma boa política se aproximar da OTAN. Embora não seja um "membro", é um "parceiro" ao lado de cerca de trinta outros países, incluindo Austrália, Japão, Coreia do Sul e Ucrânia (que está ansiosa para se tornar um membro pleno). A Mongólia até mesmo fez uma modesta contribuição para a coalizão da OTAN no Afeganistão. Esse pequeno país (3,5 milhões de habitantes em 1,5 milhão de km², três vezes o tamanho da França) espera escapar do abraço dos dois gigantes que o cercam, a

Rússia ao norte e a China ao sul. Entretanto, ter um protetor distante para salvaguardar sua própria soberania contra o domínio de seus vizinhos não é isento de riscos. Os estados-tampão têm o mesmo peso que os interesses flutuantes dos grandes estados que os cercam.

No início do século XXI, nada está escrito em pedra entre as principais potências da região: Rússia, China e Japão. O ponto de encontro da Eurásia e do Pacífico não é um prelúdio para a eclosão de uma Terceira Guerra Mundial, é simplesmente um desses pontos de tensão que está atualmente congelado e do qual pode surgir um grande conflito dentro de x anos. A única certeza é que o "comércio gentil" de Montesquieu, ou o que hoje chamamos de "batalha pacífica" e "competição estratégica", não favorece a paz. Mais de uma fronteira está destinada a se tornar um front, e não sabemos onde ocorrerá a explosão. Assim como o leito do amor, a geopolítica está em fluxo.

"O amor nos escapa", escreve o viajante.

G.D., setembro de 2023

Algumas leituras...

Colin Thubron, *The Amur. Between Russia & China*, Chatto & Windus, 2021. Na tradição do "cavalheiro viajante", Thubron oferece menos análise política e social do que um relato pessoal animado e muitas vezes inesperado.

"Cada frase que escrevo está impregnada de minha cultura, minha classe, minha raça, e não há nada que você possa fazer a respeito." (Entrevista ao *Financial Times*, 10 de setembro de 2021)

Traduções francesas de algumas de suas obras publicadas pela Gallimard: *En Sibérie* (2010), *À l'Ombre de la route de la soie* (2012).

Outros livros em que a viagem atravessa a história em outros lugares:

Claudio Magris, *Danúbio*, Folio, 1990 [1986].

Jan Brokken, *Baltic Souls. A journey through Estonia, Latvia and Lithuania*, Denoël, 2013 [2010].

Henry Lansdell, [*Through Siberia*](#), Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, Fleet Street, Londres, 1883. Sacerdote e viajante pela Ásia, interessado em geografia,

costumes locais, prisões, condições de vida dos condenados, mineração etc. Outras obras de Henry Lansdell também estão disponíveis na Internet.

Sobre a guerra civil que devastou o *Extremo* Oriente russo e a Mongólia (1918-1920), e até a China: Hugo Pratt, *Corto Maltese en Sibérie*, Casterman, 1979. Em outro estilo: Joseph Delteil, *Sur le Fleuve Amour*, Grasset, 1923.

Karl Marx, *New Rhineland Gazette. Revue politique et économique*, nº 2, fevereiro de 1850.

Karl Marx e Friedrich Engels, [*La Chine*](#), 18/10/1973. Longa apresentação de Roger Dangeville. Diversos artigos sobre as relações entre a China e a Rússia.

[*Correspondência de Michel Bakounine. Lettres à Herzen & Ogareff 1860-1874*](#), Librairie académique Didier, Perrin & C^{ie}, 1896.

Philip Billingsley, "[*Bakunin in Yokohama: The Dawning of the Pacific Era*](#)", *The International History Review*, 1998.

Madeleine Grawitz, *Bakounine*, Calmann-Lévy, 1990.

O experimento Zheltuga foi interpretado das maneiras mais opostas: como uma república autogerida pelos trabalhadores? como um renascimento das tradições comunitárias russas? como uma ditadura pseudopopular? ou até mesmo como uma mistura dos três? Por falta de algo melhor, aqui estão algumas informações em inglês:

E. Curb Nottus, "[*Manchurian "California" - The Zheltuga "Republic" of Adventurer-Bandit Prospectors*](#)" [7dayadventurer.com](#), 2022

Kaushik Patowary, "[*Zheltuga: A ilegal de russa cidade que Sprang surgiu na China*](#)" [amusingplanet.com](#), 2021.

Sobre o Birobidjan: Henri Sloves, *L'État juif de l'Union soviétique*, Les Presses d'Aujourd'hui, 1982.

David Teurtrie, *Russia. The Return of Power*, Armand Colin, 2021.

Cédric Gras, Vycheslav Shvedov, "[*EastFar Russia's , a relentless \(re\)conquêteconquest*](#)" *Herodotus: Geopolitics of Russia*, 2010

E três outras edições da revista *Hérodote*:

Geopolitics of the USSR, nº 47, 1987. Interessante por vários motivos. Entre outras coisas, mas não apenas, pelo que esses artigos mostram sobre a evolução da maneira como o equilíbrio de poder mundial é visto em diferentes épocas. Quatro anos antes do fim da URSS, Yves Lacoste escreveu: "Um estado gigantesco, com uma população que se aproxima dos 300 milhões e com o exército mais forte, se não o mais numeroso do mundo, a União Soviética hoje parece ser uma potência colossal que nada ameaça.

***Les Marches de la Russie*, nº 54-55, 1989.** Com referência especial à região de Amur,
Catherine Sauer-Baux, "Pourquoi les Russes ont lâché l'Alaska?"

***À l'Est & au Sud*, nº 58-59, 1990.**

Sobre a guerra na Ucrânia:

Gilles Dauvé, "[Peace is war](#)", Troploin, junho de 2022.

Tristan Leoni, "[Adeus à vida, adeus ao amor... Ucrânia, guerra e auto-organização](#)" DDT21, maio de 2022.